

## Questões de designação em torno dos têxteis chineses existentes nos acervos patrimoniais Ibéricos

Maria João Pacheco Ferreira  
Universidade Nova de Lisboa (CHAM)

---

**Resumo.** Na actualidade são ainda significativos os testemunhos materiais da produção têxtil chinesa destinada ao mercado português entre os séculos XVI e XVIII. Também em Espanha parece subsistir, ainda que por estudar, um número razoável de espécies têxteis de proveniência chinesa tanto nas colecções reais como nalguns tesouros catedralícios ou núcleos museológicos dispersos pelo país. Tal constatação afigura-se lógica, face às ligações comerciais que os espanhóis estabeleceram com os chineses, sobretudo através de Manila e Acapulco. No entanto, se algumas das peças observadas indiciam particularidades distintas daquelas patenteadas pelas obras analisadas em Portugal, apontando para o desenvolvimento de manufacturas direccionadas para o mercado espanhol, já outras se filiam na produção que estudámos, não obstante a sua conotação com outras tipologias artísticas. A presente comunicação propõe uma reflexão em torno do modo plural como este património artístico é apreendido pelos investigadores portugueses e espanhóis e das problemáticas que lhe subjazem, designadamente ao nível da atribuição de conceitos operativos aplicados em contexto historiográfico e/ou museológico como é o caso das nomenclaturas.

**Abstract.** Nowadays the testimonials of Chinese textiles' production for the Portuguese market from 16th and 18th centuries are still significant. In Spain it seems to exist as well, although unstudied, a reasonable number of Chinese items not only in the royal collections but also in some cathedral' treasures and museums dispersed all over the country. Such finding seems logic as a result of the commercial relationship established between Spanish and Chinese, mainly through Manila and Acapulco. Nevertheless, if some of the observed pieces show specific details different from those analyzed in Portugal, pointing out to the development of manufactures directed to the Spanish market, others clearly affiliate themselves in the production that we have studied although they're generally related to other artistic typologies. This paper induces some reflection along the plural ways this artistic patrimony is regarded and understood by the Portuguese and Spanish researchers, for example at the level of operative concepts applied in the historiography and/or museological context as it happens with nomenclatures.

**Palavras-Chave/Keywords.** Têxteis chineses, sinoportuguês, hispano-filipino, Península Ibérica, nomenclaturas.

---

Num determinado momento da sua história, Portugal, através dos seus representantes eclesiásticos e civis, dispôs de uma conjuntura particularmente favorável ao desenvolvimento de um relacionamento sustentado com a China. Graças aos esforços envidados pelo Estado Português no sentido de se envolver no trato da China, o acesso directo e privilegiado à tão cobiçada seda chinesa e aos artigos com ela manufacturados tornou-se finalmente possível em meados do século XVI. Contanto que a autorização oficial concedida aos portugueses para participarem na feira anual de Cantão (o mais importante evento comercial de todo o Celeste Império) e estabelecerem um entreposto comercial permanente em Macau apenas date respectivamente de 1554 e 1557, o contacto dos portugueses com aquela nação e os seus produtos tornara-se uma realidade desde a primeira viagem de lusos ao Celeste Império, no ano de 1513, ocorrida sob comando de Jorge Álvares.

Foi no seio desta conjuntura que eclodiu uma produção artística original que, em vários sentidos, bem reflecte as motivações e os referentes artístico-culturais que subjazem à parceria de reinos envolvidos, segundo uma plataforma de entendimento reveladora de um apurado sentido de oportunidade e de iniciativa que ultrapassa questões de foro diverso (como as religiosas, funcionais, estéticas, políticas e administrativas) por parte de quem realiza e de quem adquire. Não menos notável, é o facto desta manufactura, produzida por chineses a partir de directrizes portuguesas, se constituir como o produto do que podemos considerar a primeira parceria dos chineses com uma comunidade europeia no período moderno, com vista ao fornecimento regular de artigos têxteis a utilizar em contextos mentais e vivenciais completamente díspares dos seus, como é o caso peculiar das alfaias litúrgicas<sup>8</sup>.

O maior empenho que, nos tempos mais recentes, se tem colocado no cadastro assim como na divulgação (visual e bibliográfica) do património móvel sacro das dioceses portuguesas muito tem concorrido para a emergência e redescoberta deste tipo de património artístico. São ainda significativos os testemunhos materiais da produção têxtil chinesa em Portugal datáveis de entre os séculos XVI e XVIII,

---

8 Sobre este assunto leia-se FERREIRA, Maria João Pacheco - *As Alfaias Bordadas Sinoportuguesas* (Séculos XVI a XVIII). Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2007; FERREIRA, Maria João Pacheco - *Os têxteis chineses em Portugal nas opções decorativas sacras de aparato* (séculos XVI-XVIII), 2 vols. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011 (Texto policopiado).

que na actualidade subsistem tendo o trabalho de cadastro e inventariação que levámos a cabo já dado a conhecer cerca de duas centenas de obras registadas, de natureza diversa (número que exclui as estolas e manípulos dos paramentos observados), que subsistem em igrejas, instituições religiosas e algumas colecções de museus públicos e privados existentes em território nacional.

Uma análise sistémica e aturada do assinalado corpus permitiu o reconhecimento não apenas das opções adoptadas na sua manufactura mas, também, de um perfil consigo consonante, muitíssimo constante e coerente entre o espólio observado, ao ponto de a apelidarmos *sinportuguesa*. Em síntese, esta caracteriza-se por uma interpenetração de referentes portugueses (europeus) e chineses observável, de forma cumulativa ou não, em diferentes domínios, quer do ponto de vista material e dos procedimentos técnicos empregues, quer do tipo de iconografia, abordagem plástica e até funcional adoptada, os quais se apresentam em clara sintonia com os dois universos artísticos envolvidos e os respectivos princípios estéticos<sup>9</sup>.

Entre as obras destinadas aos portugueses distinguem-se, do ponto de vista estético, duas grandes tendências, designadamente, aquelas que veiculam programas ornamentais subscritores da tradição artístico-cultural chinesa apreciados ao nível interno do país, e as que se associam aos cânones da arte europeia<sup>10</sup>. Nas primeiras, preponderam os assuntos naturalistas representativos da fauna e flora locais, sendo que as hastes vegetalistas se constituem como principais elementos decorativos de extraordinária versatilidade decorativa e potencialidade plástica, às quais se agregam toda uma variedade de flores, aves, mamíferos e animais fantásticos representantes do bestiário chinês. Muito embora o povo chinês,

---

9 Cf. FERREIRA - Arte sinoportuguesa. In Enciclopédia Virtual da Expansão, séculos XV-XVIII. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: [www.cham.fcsh.unl.pt/eve/](http://www.cham.fcsh.unl.pt/eve/).

10 Independentemente das particularidades exibidas, as obras emergem com diferentes desígnios, passíveis de agrupar em dois contextos funcionais respectivamente, o religioso e o profano: no âmbito do primeiro reconhece-se uma manufactura de raiz cultural, enquadrável na denominada arte missionária ou catequética como é o caso das alfaias litúrgicas destinadas à celebração e à ornamentação do espaço sagrado. No segundo domínio, constituído pela produção dirigida à comunidade civil, enquadram-se as peças destinadas ao recheio e decoração de espaços públicos e privados residenciais, bem como o vestuário civil.

convicto da sua superioridade, defendesse a sua exclusividade cultural e praticasse comportamentos de total xenofobismo e desconfiança por tudo o que lhes era estranho (apenas atenuados a partir de 1644, no seguimento da ascensão ao poder da dinastia Qing de origem manchú) nem por isso desprezou a produção de artigos para exportação, não só para as nações adjacentes mas também para outros mercados, como foi o caso daquele controlado pelos portugueses.

Sobre o segundo tipo de obras, estas reflectem opções em consonância com os gostos dos clientes, imitando e reproduzindo modelos e morfologias estranhos aos seus princípios. A sua concepção filia-se numa diversidade de tendências ornamentais evocadoras da linguagem artística do Renascimento, maneirismo, barroco e até mesmo rococó, contemporâneas do período em que se desenvolve esta produção, surgindo animados por temas de teor cristão, heráldico, mitológico e ornamental (dominado por elementos vegetalistas e florais e pela figuração humana).

Ainda do que nos foi dado observar, a reprodução dos ornatos de índole ocidental (europeia) oscila entre a transposição, dir-se-á mimética dos modelos usados, ao ponto de nalgumas situações, ser possível o reconhecimento dos arquétipos tomados como referência<sup>11</sup>, um trabalho de adaptação e sinização das formas ocidentais - muito em particular da figura humana e de elementos de cariz decorativo -, podendo até sofrer adulterações ou sobreposições de formas.

Uma vez chegados a este ponto da nossa investigação, novas questões emergem perante a necessidade que sentimos de, por um lado, aferir o melhor possível os aspectos identitários entretanto postulados e, por outro, averiguar da especificidade desta mesma manifestação artística. Colocado de outro modo: até que ponto esta manufactura se circunscreve, do ponto de vista geográfico, cultural e de execução, ao binómio Portugal-China, ou mais especificamente Macau, como sugere Fernando Baptista Pereira<sup>12</sup>? Como articular a manufactura que apelidamos sinoportuguesa com outras produções têxteis também elas desenvolvidas no seio de relacionamentos promovidos entre chineses e diferentes populações europeias entretanto fixadas na Ásia, como é o caso muito particular dos espanhóis?

---

11 Cf. FERREIRA - Ganimedes e a Fortuna. Exemplos de Temáticas Mitológicas Clássicas em Peças Têxteis Bordadas Sinoportuguesas. In Oriente. Lisboa: 12 (2005) 90-114.

12 Cf. PEREIRA, Fernando Baptista - A Arquitectura "Chã" e a Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesas do Oriente (séculos XVII-XVIII). In CUNHA, Mafalda Soares da, coord. - Os Construtores do Oriente Português. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 167.

Na verdade, os aspectos que enunciamos enquadram-se numa problemática bem mais vasta que uma nova geração de historiadores de arte no domínio da Expansão têm nos tempos mais recentes equacionado em torno das fronteiras entre as diferentes artes coloniais dos impérios ibéricos. A resposta às nossas interrogações não é fácil nem tão pouco imediata, sobretudo quando relevada a complexidade historiográfica que desde logo enforma, do ponto de vista conceptual, o processo de abordagem da presença portuguesa e espanhola na Ásia, o qual tende a privilegiar a autonomia histórica dos dois reinos em detrimento de uma perspectiva integradora que antes a percepciona como uma experiência comum<sup>13</sup> - ignorando que as regras de associação seguidas pela geografia artística diferem daquelas da geografia política<sup>14</sup> . Não menos limitativa é a grande lacuna ainda subsistente ao nível dos estudos realizados sobre a produção têxtil em contexto colonial, designadamente nas Filipinas, assim como da respectiva circulação no antigo espaço ultramarino espanhol (e entre este e a metrópole) e possíveis influências nas manufacturas autóctones<sup>15</sup> .

Em todo o caso, também em Espanha, à semelhança de Portugal, parece ainda subsistir um número razoável de espécies têxteis de matriz chinesa tanto nas colecções reais como nalguns tesouros catedralícios ou núcleos museológicos dispersos pelo país. De facto, ainda que a nossa pesquisa tenha sido até ao presente muito limitada e em jeito quase de sondagem, através da bibliografia consultada foi-nos possível identificar algumas obras, devendo-se aqui assinalar que, se parte das peças observadas se filiam na produção que estudámos, já outras indiciam particularidades distintas daquelas patenteadas pelos espécimes analisados em Portugal, apontando antes para manufacturas direccionadas para o mundo hispano-filipino-americano.

---

14 Cf. KUBLER, George - Non Iberian European Contributions to Latin American Colonial Architecture. In REESE, Thomas, ed. - Studies in Ancient American and European Art: The collected Essays of George Kubler. New Haven: Yale University Press, 1985, pp. 81-87 apud KAUFMANN, Thomas DaCosta - Toward a Geography of Art. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2004, p. 230.

15 Assim o reconhece Margarita Estella no seu incontornável estudo sobre os marfins em Espanha: “Nuestro interés comercial naturalmente no lo constituía este material sino las porcelanas, lacas y sobre todo los tejidos, sedas de China y algodones de India, pero nos hemos limitado al estudio del marfil sin intentar aclarar esta nueva ruta de la seda e de la porcelana desconocida o al menos poco estudiada por los historiadores de arte”; ESTELLA MARCOS, Margarita M. - La Escultura Barroca de Marfil en España. Escuelas Europeas y Coloniales. vol. I, Madrid: Instituto Diego Velasquez del C.S.I.C., 1984, p. 37.

A localização de têxteis de matriz chinesa em Espanha nesta dupla valência não nos surpreende. Afinal, e no que à presença do primeiro tipo de obras concerne, como Guadalupe Ramos de Castro sinteticamente observa, “Hasta esa fecha [1565] en que se logró el tornaviaje [desde as Filipinas], sería Portugal la fuente de entrada del Oriente y cuando se reguló el galeón de Manila, tampoco dejaría Portugal su activo comercio; sin olvidar además que Portugal y España, hermanadas por tantos contratos matrimoniales entre sus reyes, se hermanan aún más, uniéndose bajo un sólo cetro, con Felipe II (...). Ello hace que ya Portugal, sin trabas, sea también para España puerto abierto a Oriente”<sup>16</sup>.

Por outro lado, muito embora a Espanha nunca tenha disposto de uma feitoria no território chinês (apesar de ter desencadeado esforços nesse sentido) e os seus habitantes estivessem proibidos de comerciar directamente com a China, nem por isso os espanhóis deixaram de entabular importantes relações com os habitantes do Celeste Império por via das Filipinas, onde se estabeleceram em 1565, ao ponto de Juan Gil declarar não se poder entender a história de Manila sem a presença dos chineses. O gradual contacto entre ambos e a garantia de um comércio rentável e proveitoso atraíram muitos chineses<sup>17</sup> a Manila e os seus arredores chegando, mesmo, a formar um grupo cujo número depressa ultrapassou o dos residentes espanhóis na capital daquele arquipélago<sup>18</sup>.

---

16 RAMOS DE CASTRO, Guadalupe - La influencia de Ultramar en las artes decorativas hispano-portuguesas. In DIAS, Pedro, coord. - Portugal e Espanha. Entre a Europa e Além-Mar. IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte. Coimbra: Instituto de História da Arte – Universidade de Coimbra, 1988, p. 402.

17 Cf. GIL, Juan – Los chinos en España en el siglo XVI. In Revista STVDIA. Lisboa: 58/59 (2002), p. 25. A importância deste grupo étnico na história das Filipinas é partilhada por outros historiadores como DÍAZ-TRECHUELO, Lourdes – Relaciones entre españoles y chinos en Filipinas: su regulación legal (siglos XVI a XIX). Sep. de Libro de Homenaje in Memoriam Carlos Díaz Rementería. [Huelva]: [Universidad de Huelva], [1998], p. 241.

18 É sobre estes que o monopólio de transacções e de revenda recaí; cf. HARING, Clarence - Comercio y navegacion entre España y las Indias en la epoca de los Habsburgos, ed. española por Enma Salinas, México, 1939, p. 182 apud AGUILÓ ALONSO, María Paz - El coleccionismo de objetos procedentes de ultramar a traves de los inventarios de los siglos XVI y XVII. In AAVV. Relaciones Artísticas entre España y America, Madrid: C.S.I.C., 1990, p. 116.



Fundada em 1571 e destinada a cumprir funções similares a Macau enquanto plataforma de circulação de produtos e missionários espanhóis na Ásia oriental, Manila depressa se tornou na principal porta de escoamento da produção têxtil chinesa não apenas para Espanha (desembarcada em Sevilha e Cádiz) mas, sobretudo para as suas colónias e núcleos missionários na América, de que são principal referência a Califórnia, o México e o Peru<sup>19</sup>.

Todavia, a presença de obras que, embora de matriz comum (chinesa), evidenciam particularidades diferenciadas implica, no nosso entender, algum debate e reflexão em torno do modo plural como este património artístico é ou deve ser apreendido pelos investigadores portugueses e espanhóis e das problemáticas que lhe subjazem, designadamente ao nível da atribuição de conceitos operativos aplicados no domínio museológico, como é o caso tão sensível das nomenclaturas ou termos descritores a adoptar na respectiva identificação.

E nesse contexto, com base na nossa experiência pessoal e na de outros investigadores, cremos que o investimento na inventariação e observação exaustiva deste tipo de património no país bem como na sua análise comparativa se apresentam inevitáveis e da maior urgência. Atente-se tão-só na metodologia adoptada por Margarita Estella na sua aturada pesquisa sobre os marfins hispano-filipinos, ao eleger o estudo directo do património sobrevivente como principal (mas não exclusivo) instrumento de trabalho na referenciação e sistematização das opções empregues na sua manufactura, a partir do qual pôde então a investigadora definir três grupos dominantes, sujeitos a enquadramentos geográficos, técnicos, decorativos e temáticos distintos, e cuja identidade fez corresponder aos conceitos de hispano-filipino, hispano-americano e luso-índio<sup>20</sup>.

---

19 A este respeito Linschoten declara: “nestas ilhas fazem os da China grande trato, trazendo todo o género de mercadorias do seu país, tal como sedas, algodão, porcelanas (...). Anualmente ali chegam até 20 navios da China, cujas mercadorias são de novo embarcadas pelos espanhóis e transportadas para Nova Espanha e México, numa carreira que é hoje tão comum como a da Índia para Portugal.” - cf. van LINSCHOTEN, Jan Huygen - Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas. Gravuras e Mapas, (ed. de Arie Pos e Rui Manuel Loureiro). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 122 (1ª ed. 1596).

20 Expressão que adopta ao invés “da indo-portuguesa que le dan los historiadores de arte del país vecino” mas que assegura a manutenção do que apelida de “valor genérico para facilitar la clasificación de los grupos que estos mismos proponen de: indo-portugués, vulgarmente llamada de «Goa», cingalo-portugués y chino-portugués”; ESTELLA MARCOS – op. cit., p. 188.

No entanto, como Alexandra Curvelo teve oportunidade de demonstrar através do seu exemplar estudo acerca dos biombos namban, a realidade até ao momento assumida enquanto grelha operativa e catalogadora pela historiografia da arte colonial, tendente a associar a uma zona do globo a ocorrência de determinado fenómeno artístico, configura-se, na actualidade, bastante mais complexa e diversificada<sup>21</sup>. A multiplicidade de variantes originais que enformam o domínio das artes coloniais que nos anos mais recentes têm vindo a emergir, parecem contrariar o fenómeno assinalado por George Kubler numa das suas grandes obras teóricas, *A Forma do Tempo* (1962)<sup>22</sup>, da quase exaustão da possibilidade de novas descobertas de tipos fundamentais na História da Arte que afirmava ter-se verificado pelos anos de 1950. Com a agravante da realidade artística agora preconizada se afigurar de essência bem mais dinâmica, variável e tendencialmente sicrética, que verdadeiramente reflecte a natureza da própria sociedade ultramarina, também ela híbrida e em permanente movimentação<sup>23</sup>.

No nosso entender, o universo têxtil de matriz chinesa produzido no quadro da presença ibérica na Ásia enforma justamente um desses vastos e labirínticos campos de estudo. A profunda influência que a civilização do Celeste Império sempre exerceu nos reinos adjacentes que delimitam o Mar da China e na globalidade do espaço geográfico que constitui toda a região entre o Índico e o Pacífico alertam, desde logo, para a necessidade de alguma prudência na atribuição de autorias/proveniências, pois o facto de uma determinada manufactura evidenciar particularidades conotáveis com a produção chinesa não significa que a mesma tenha ficado a seu cargo<sup>24</sup>. São variadíssimos os testemunhos ibéricos contemporâneos que assinalam a circulação dos prestigiados artigos e matérias-primas conotadas com a produção têxtil extremo-asiática, como a seda e o fio de

---

21 Cf. CAMPOS, Alexandra Curvelo da Silva - *Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua Circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c. 1550 - c. 1700)*, vol. I. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada ao Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007, p. xii (Texto policopiado).

22 C.f. KUBLER, George - *A Forma do Tempo*, 3ª ed. Lisboa: Vega, 1998, p. 24.

23 CAMPOS – op. cit., vol. I, p. 70.

24 Cf. FERREIRA - *Os têxteis chineses na Índia (séculos XVI-XVII)*. A sua circulação e possível feitura no contexto indiano. In VARADARAJAN, Lotika; PEREIRA, Teresa Pacheco - *Indo-Portuguese Embroideries: Context Art History*. Nova Delhi: Nivogi Books - Indira Ganhi National Centre for the Arts (no prelo).



papel laminado dourado<sup>25</sup>, por todo aquele território através das múltiplas redes de comunicação ali estabelecidas. A este fenómeno de mobilidade, cumpre de igual modo acrescentar a inerente deslocação dos artífices responsáveis por estas manufacturas que consigo transportam os seus conhecimentos, procedimentos e contactos. De onde se infere que, concumitantemente a produções originais, toda uma outra miríade de sucessivas matizes (do ponto de vista técnico, material e iconográfico, por exemplo) podiam surgir e desenvolver-se ao longo destes circuitos segundo ritmos de sucessão e conjugação perfeitamente variáveis.

Neste sentido, cumpre recordar o caso paradigmático dos célebres xales bordados ditos de Manila, uma categoria têxtil muito específica produzida em grande escala a partir de 1820 (que se prolonga até aos nossos dias), cuja designação pela qual se tornaram conhecidos deriva não do local de produção mas do de aquisição. Assim o esclarece Blas Sierra de la Calle, ao afirmar: “Se suele denominar ‘mantones de Manila’, a unos chales de seda bordados cuya procedencia originaria se creía que fuese Manila, pero que en realidad eran bordados en China”<sup>26</sup>. Não obstante a origem chinesa desta tipologia, tal como Encarnación Aguilar Criado recenseou, a mesma conheceu não só desenvolvimento nas Filipinas, mas também na América hispânica e até em Espanha onde, a par da sua reprodução fiel<sup>27</sup>, foi sendo progressiva e simultaneamente recriado, acumulando referentes autóctones responsáveis por mutações, muito em concreto, ao nível da paleta cromática e da textura dos fios assim como dos elementos decorativos empregues <sup>28</sup>.

---

25 Cf. FERREIRA - “Hilado por modo jamas visto en la Christandad”. O fio de ouro chinês aos olhos dos europeus (séculos XVI a XVIII). In Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património. Porto: V-VI (2006-2007) 169-179.

26 Cf. SIERRA de la CALLE, Blas - Vientos de Acapulco. Relaciones entre America e Oriente. Valladolid: Museo Oriental de Valladolid - Junta de Castilla y León - Caja España, 1991, p. 120. A mesma opinião é partilhada por Encarnación Criado no estudo que dedica a esta mesma manufactura: “su denominación se refiere a su procedencia de origen, o más bien, al sitio preciso desde donde llegaba a Espana: la ciudad de manila, la capital de la antigua colonia espanola de Filipinas, desde cuyo puerto partieron tantas otras mercancías de Oriente que, a bordo, de los galeones espanoles, transportaban hasta el puerto de Sevilla los exóticos productos orientales, además de los coloniales”; AGUILAR CRIADO, Encarnación - Las Bordadoras de Mantones de manila de Sevilla. Trabajo y género en la producción doméstica, 2ª ed. Sevilha: Area de Cultura del Ayuntamiento de Sevilla - Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1999, p. 49.

27 Cf. WILSON, Verity - Silk. In CLUNAS, Craig, dir. - Chinese Export Art and Design. Londres: Victoria & Albert Museum, 1987, p.

28 AGUILAR CRIADO – op. cit., pp. 63-83.

Todavia, não foi decerto necessário aguardar pelo século XIX para que as produções têxteis de matriz chinesa se desenvolvessem nas Filipinas, uma vez ponderada a prestação dos chins naquela sociedade, enquanto principais abastecedores de tudo o que os espanhóis precisavam naquele arquipélago, fosse pela via já enunciada, de fornecimento de mercadorias, ou através da comunidade que ali se fixou e ali deu continuidade aos seus mesteres. Referimo-nos aos sangleys, isto é, os chineses residentes no Parian, um bairro construído na capital com o objectivo de os albergar e melhor controlar. Logo em 1590 o primeiro bispo das Filipinas, o dominicano Fr. Domingo de Salazar, exalta as habilidades e engenho dos chineses a Felipe II de Espanha, referindo-se não só à sua extraordinária capacidade de aprendizagem, reprodução e execução no domínio da escultura mas também justamente da pintura e da arte do bordado: “lo que más me maravilla de todo es que quando llegué aquí nadie sabia pintar, pero ahora son excelentes en esta clase de trabajo. Esto tambien se aplica a los bordados, de los cuales también hacen un estupendo trabajo y cada día lo hacen mejor. Son tan habilidosos que cualquier cosa traída de España en seguida la imitan a la perfección”<sup>29</sup>.

No entanto, uma vez mais os estudos desencadeados em torno dos marfins hispano-filipinos despertam a nossa atenção para o protagonismo dos próprios nativos da ilha, conhecidos como índios. Ao procurar estabelecer as autorias para esta produção José Manuel Casado Pariamo, que logo admite constituir-se como o aspecto mais espinhoso da sua investigação, distingue a predominância dos chineses mas salienta de idêntico modo a intervenção dos escultores filipinos, herdeiros de uma importante tradição escultórica endógena e também eles detentores de uma enorme competência para imitar o que lhes é dado reproduzir, ainda que capazes de introduzir elementos próprios<sup>30</sup>.

Mas se uma parte da distribuição destes bens - seda em bruto, suportes têxteis e artigos confeccionados, bordados e pintados, como é o caso de vestes religiosas, sobretudo destinadas às comunidades católicas espalhadas pela América<sup>31</sup> - é assegurada pelos mercadores chineses das províncias costeiras do

---

29 VÁSQUEZ PARLADE, Joaquín – Los mal llamados mantones de Manila. In Buenavista de Indias. Sevilla: I: 1 (1992), p. 66 apud CASADO PARAMIO, José Manuel – Museo Oriental de Valladolid. Catálogo II. Marfiles Hispano-Filipinos. Valladolid: Caja España, 1997, p. 118.

30 Cf. Sobre este assunto cf. VÁSQUEZ PARLADE – cap. Escultores de los marfiles hispano-filipinos, pp. 117-123.

31 Cf. WILSON, Verity - Chinese Export Art and Design. Londres: Victoria & Albert Museum, 1987, p. 28.

Fujian e de Chekiang, também os portugueses se revelam importantes agentes intermediários, sobretudo até à primeira metade de Seiscentos, na qualidade de principais parceiros comerciais da China nas suas relações com exterior. A partir de Macau transportavam os produtos têxteis chineses por todo o território que compunha o antigo Estado Português da Índia, muito em particular para o Japão (até 1639), mas também para a Índia e para o pequeno enclave espanhol sediado no Mar da China que constituía o arquipélago filipino<sup>32</sup>. Contanto que o próspero comércio em curso em Manila atraísse forasteiros originários das mais diversas proveniências<sup>33</sup>, segundo Rafael Valladares “eran los intermediarios chinos y los portugueses de Macao quienes habían acabado por señorear aquel comercio”<sup>34</sup> da China e do Galeão de Manila.

A questão do visível envolvimento dos portugueses no circuito comercial ultramarino espanhol, tanto no quadro geográfico hispano-filipino como naquele hispano-americano<sup>35</sup>, assume aqui uma enorme relevância porquanto, na qualidade de intermediários, podiam interferir no tipo de mercadorias chinesas a introduzir no circuito hispânico. Espanha, como nação católica e de raiz cultural próxima da portuguesa também ela plenamente empenhada no proselitismo dos povos indígenas, necessitava grosso modo das mesmas tipologias morfológico-funcionais que os lusitanos, pelo que os exemplares destinados à esfera portuguesa

---

32 Entrepósito que se consegue assumir como centro de três rotas marítimas essenciais na geografia de Ásia oriental cujo denominador comum é a exportação da seda chinesa: a que liga Macau à Índia e a Lisboa; a que segue para o Japão e, por fim, a que através de Manila, nas Filipinas, termina na América espanhola, em Acapulco. Cf. LOURIDO, Rui d'Ávila de Fontes Alferes - A Rota Marítima da Seda e da Prata: Macau-Manila, das origens a 1640. Lisboa: dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1995, p. 22 (texto policopiado).

33 Cf. Carta de Juan COBOS apud LOURIDO – op. cit., p. 67.

34 VALLADARES, Rafael – op. cit., p. 8.

35 Sobre este assunto vide por exemplo as já citadas obras de Rafael Valladares, Rui d'Ávila Lourido e Alexandra Curvelo bem como os estudos de REPARAZ, Gonçalo de - Os Portugueses no Vice-reinado do Perú (séculos XVI e XVII). Lisboa: Instituto de alta Cultura, 1976; VENTURA, Maria da Graça Mateus - Portugueses no Descobrimento e Conquista da Hispano-América. Viagens e expedições (1492-1557). Lisboa: Edições Colibri, 2000; VENTURA, Maria da Graça Mateus - Portugueses no Peru ao tempo da União Ibérica. Mobilidade, cumplicidade e vivências, 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

eram, para todos os efeitos, compatíveis com o enquadramento espanhol e as respectivas carências. Logo, é admissível que as peças localizadas em Espanha de perfil em tudo afim àquelas que até ao momento parecem predominar em Portugal possam ter dado entrada no país não forçosamente através de Lisboa mas de Sevilha.

Em todo o caso, a inexistência de um levantamento e estudo exaustivo deste tipo de património em Espanha impede a compreensão do real protagonismo deste corpus; no panorama dos têxteis asiáticos que então circulavam pelo país, seriam estes espécimes verdadeiras exceções ou contrapontos válidos e expressivos às manufacturas chinesas porventura mais direccionadas para o gosto espanhol, como o outro núcleo de peças identificado parece sugerir? Mas como se caracterizam então estes segundos exemplares, onde e quem assegura a sua realização? Como os denominar, sino-hispânicos?

Apercebemo-nos já de algumas diferenças entre os dois tipos de obras, como seja a tendência, do lado espanhol, para o uso preponderante do fio de seda sem recurso a materiais de enchimento, assim como para um cromatismo mais garrido e contrastante do que aquelas por nós analisadas. Todavia, pelos mesmos motivos, de falta de suporte demonstrativo material (e também documental), não cremos ainda possível enunciar o perfil deste género de manufactura nem, consequentemente, estabelecer qualquer análise comparativa entre ambos os agrupamentos artísticos; muito menos, ainda, posicionar uma outra categoria de obras que neste momento se nos apresentam como casos isolados. Nesta medida, ocorre-nos pensar num paramento bordado pertencente à igreja de São João de Brito, em Lisboa, composto por casula e dalmática: o mesmo exhibe suporte de cor vermelho alaranjado bordado a fio de seda torcida branco, com composição decorativa assente em motivos florais que, associados a caules de morfologia sinuosa e de implantação ascendente, irradiam por toda a superfície preenchendo-a de forma homogénea. Até ao momento temos apenas conhecimento da existência de um fragmento similar no Victoria & Albert Museum, em Londres (nº Inv. 716-1864), correspondente a uma peça de tecido azul claro, também com decoração bordada monocroma branca (somente um pouco mais densa, de desenvolvimento menos abrangente e de disposição não tão vertical), classificado na respectiva ficha de inventário como filipino. Seria esta a matriz da produção filipina ao invés da chinesa, assente na policromia? Por ora ignoramos.

O desconhecimento por parte dos investigadores ibéricos acerca do património sobrevivente em Portugal e Espanha, assim como dos estudos que ainda assim vão sendo implementados em ambos os países retarda o tão necessário debate e o desejado avanço do conhecimento neste domínio; não menos importante, dificulta a operatividade de determinados conceitos, como é o caso tão sintomático do uso anacrónico do termo indo-português nos dois pólos peninsulares: em Portugal o termo indo-português tende a perder a sua dimensão de pendor globalizante (confinando-se à produção realizada sobretudo entre os séculos XVI e XVIII no quadro do relacionamento estabelecido entre Portugal e a Índia) ao passo que em Espanha continua a ser assim entendida e por isso utilizada para designar tanto as obras de procedência indiana como aquelas de matriz chinesa e outras produzidas no quadro da fixação portuguesa na Ásia<sup>36</sup>.

Creemos que a conjuntura histórica que envolve a presença de têxteis chineses nos acervos patrimoniais ibéricos, aqui exposta de forma tão breve, atesta a imperiosa necessidade de um estudo conjunto deste universo material, cuja existência entre nós parece claramente transgredir as fronteiras que separam política e historiograficamente Portugal de Espanha.

### Notas:

Sobre este assunto leia-se FERREIRA, Maria João Pacheco - As Alfaias Bordadas Sinoportuguesas (Séculos XVI a XVIII). Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2007; FERREIRA, Maria João Pacheco - Os têxteis chineses em Portugal nas opções decorativas sacras de aparato (séculos XVI-XVIII), 2 vols. Tese de Doutoramento em História da Arte Portuguesa apresentada ao Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011 (Texto policopiado).

Cf. FERREIRA - Arte sinoportuguesa. In Enciclopédia Virtual da Expansão, séculos XV-XVIII. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa: [www.cham.fcsh.unl.pt/eve/](http://www.cham.fcsh.unl.pt/eve/)

---

36 Cf. ÁLVAREZ de EULATE, Pablo, coord. cient. - Las sociedades ibéricas y el mar a finales del siglo XVI. Madrid: Exposición Mundial de Lisboa 1998 - Pavilhão de Espanha, entrada de cat. nº 59, pp. 387-389; SILVA, Nuno Vassallo e TRNEK, Helmut, coord. - Exótica. Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, entrada de cat. nº 70, pp. 180-181; BENITO GARCÍA, Pilar - Tejidos bordados orientales en las colecciones reales españolas. In SÁNCHEZ-RAMÓN, Mar, coord. - Oriente en Palacio. Tesoros asiáticos en las colecciones reales españolas. Madrid: Patrimonio Nacional, 2003, pp. 143-148; 153-156.

Independentemente das particularidades exibidas, as obras emergem com diferentes desígnios, passíveis de agrupar em dois contextos funcionais respectivamente, o religioso e o profano: no âmbito do primeiro reconhece-se uma manufactura de raiz cultural, enquadrável na denominada arte missionária ou catequética como é o caso das alfaia litúrgicas destinadas à celebração e à ornamentação do espaço sagrado. No segundo domínio, constituído pela produção dirigida à comunidade civil, enquadram-se as peças destinadas ao recheio e decoração de espaços públicos e privados residenciais, bem como o vestuário civil.

Cf. FERREIRA - Ganimedes e a Fortuna. Exemplos de Temáticas Mitológicas Clássicas em Peças Têxteis Bordadas Sinoportuguesas. In Oriente. Lisboa: 12 (2005) 90-114.

Cf. PEREIRA, Fernando Baptista - A Arquitectura “Chã” e a Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesas do Oriente (séculos XVII-XVIII). In CUNHA, Mafalda Soares da, coord. - Os Construtores do Oriente Português. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p. 167.

Sobre este assunto vide: VALLADARES, Rafael - Castilla y Portugal en Asia (1580-1640). Declive imperial y adaptación. Leuven: Leuven University Press, 2001, p. xi da Introdução.

Cf. KUBLER, George - Non Iberian European Contributions to Latin American Colonial Architecture. In REESE, Thomas, ed. - Studies in Ancient American and European Art: The collected Essays of George Kubler. New Haven: Yale University Press, 1985, pp. 81-87 apud KAUFMANN, Thomas DaCosta - Toward a Geography of Art. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2004, p. 230.

Assim o reconhece Margarita Estella no seu incontornável estudo sobre os marfins em Espanha: “Nuestro interés comercial naturalmente no lo constituía este material sino las porcelanas, lacas y sobre todo los tejidos, sedas de China y algodones de India, pero nos hemos limitado al estudio del marfil sin intentar aclarar esta nueva ruta de la seda e de la porcelana desconocida o al menos poco estudiada por los historiadores de arte”; ESTELLA MARCOS, Margarita M. - La Escultura Barroca de Marfil en España. Escuelas Europeas y Coloniales. vol. I, Madrid: Instituto Diego Velasquez del C.S.I.C., 1984, p. 37.

RAMOS DE CASTRO, Guadalupe - La influencia de Ultramar en las artes decorativas hispano-portuguesas. In DIAS, Pedro, coord. - Portugal e Espanha. Entre a Europa e Além-Mar. IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte. Coimbra: Instituto de História da Arte – Universidade de Coimbra, 1988, p. 402.

Cf. GIL, Juan – Los chinos en España en el siglo XVI. In Revista STVDIA. Lisboa: 58/59 (2002), p. 25. A importância deste grupo étnico na história das Filipinas é partilhada por outros historiadores



como DÍAZ-TRECHUELO, Lourdes – Relaciones entre españoles y chinos en Filipinas: su regulación legal (siglos XVI a XIX). Sep. de Libro de Homenaje in Memoriam Carlos Díaz Rementería. [Huelva]: [Universidad de Huelva], [1998], p. 241.

É sobre estes que o monopólio de transacções e de revenda recai; cf. HARING, Clarence - Comercio y navegacion entre España y las Indias en la epoca de los Habsburgos, ed. española por Enma Salinas, México, 1939, p. 182 apud AGUILÓ ALONSO, María Paz - El coleccionismo de objetos procedentes de ultramar a traves de los inventarios de los siglos XVI y XVII. In AAVV. Relaciones Artísticas entre España y America, Madrid: C.S.I.C., 1990, p. 116.

A este respeito Linschoten declara: “nestas ilhas fazem os da China grande trato, trazendo todo o género de mercadorias do seu país, tal como sedas, algodão, porcelanas (...). Anualmente ali chegam até 20 navios da China, cujas mercadorias são de novo embarcadas pelos espanóis e transportadas para Nova Espanha e México, numa carreira que é hoje tão comum como a da Índia para Portugal.” - cf. van LINSCHOTEN, Jan Huygen - Itinerário, Viagem ou Navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou Portuguesas. Gravuras e Mapas, (ed. de Arie Pos e Rui Manuel Loureiro). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, p. 122 (1ª ed. 1596).

Expressão que adopta ao invés “da indo-portuguesa que le dan los historiadores de arte del país vecino” mas que assegura a manutenção do que apelida de “valor genérico para facilitar la clasificación de los grupos que estos mismos proponen de: indo-portugués, vulgarmente llamada de «Goa», cingalo-portugués y chino-portugués”; ESTELLA MARCOS – op. cit., p. 188. f. CAMPOS, Alexandra Curvelo da Silva - Nuvens Douradas e Paisagens Habitadas. A Arte Namban e a sua Circulação entre a Ásia e a América: Japão, China e Nova-Espanha (c. 1550 - c. 1700), vol. I. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada ao Departamento de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007, p. xii (Texto policopiado).

C.f. KUBLER, George - A Forma do Tempo, 3ª ed. Lisboa: Vega, 1998, p. 24.

CAMPOS – op. cit., vol. I, p. 70.

Cf. FERREIRA - Os têxteis chineses na Índia (séculos XVI-XVII). A sua circulação e possível feitura no contexto indiano. In VARADARAJAN, Lotika;

PEREIRA, Teresa Pacheco - Indo-Portuguese Embroideries: Context Art History. Nova Delhi: Nivogi Books - Indira Ganhi National Centre for the Arts (no prelo).

Cf. FERREIRA - “Hilado por modo jamas visto en la Christandad”. O fio de ouro chinês aos olhos dos europeus (séculos XVI a XVIII). In Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património. Porto: V-VI (2006-2007) 169-179.

Cf. SIERRA de la CALLE, Blas - Vientos de Acapulco. Relaciones entre America e Oriente. Valladolid: Museo Oriental de Valladolid - Junta de Castilla y León - Caja España, 1991, p. 120. A mesma opinião é partilhada por Encarnación Criado no estudo que dedica a esta mesma manufactura: “su denominación se refiere a su procedencia de origen, o más bien, al sitio preciso desde donde llegaba a Espana: la ciudad de manila, la capital de la antigua colonia espanola de Filipinas, desde cuyo puerto partieron tantas otras mercancías de Oriente que, a bordo, de los galeones espanoles, transportaban hasta el puerto de Sevilla los exóticos productos orientales, además de los coloniales”; AGUILAR CRIADO, Encarnación - Las Bordadoras de Mantones de manila de Sevilla. Trabajo y género en la producción doméstica, 2ª ed. Sevilla: Area de Cultura del Ayuntamiento de Sevilla - Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1999, p. 49.

Cf. WILSON, Verity - Silk. In CLUNAS, Craig, dir. - Chinese Export Art and Design. Londres: Victoria & Albert Museum, 1987, p.

AGUILAR CRIADO – op. cit., pp. 63-83.

VÁSQUEZ PARLADE, Joaquín – Los mal llamados mantones de Manila. In Buenavista de Indias. Sevilla: I: 1 (1992), p. 66 apud CASADO PARAMIO, José Manuel – Museo Oriental de Valladolid. Catálogo II. Marfiles Hispano-Filipinos. Valladolid: Caja España, 1997, p. 118.

Cf. Sobre este assunto cf. VÁSQUEZ PARLADE – cap. Escultores de los marfiles hispano-filipinos, pp. 117-123.

Cf. WILSON, Verity - Chinese Export Art and Design. Londres: Victoria & Albert Museum, 1987, p. 28.

Entreposto que se consegue assumir como centro de três rotas marítimas essenciais na geografia de Ásia oriental cujo denominador comum é a exportação da seda chinesa: a que liga Macau à Índia e a Lisboa; a que segue para o Japão e, por fim, a que através de Manila, nas Filipinas, termina na América espanhola, em Acapulco. Cf. LOURIDO, Rui d'Ávila de Fontes Alferes - A Rota Marítima da Seda e da Prata: Macau-Manila, das origens a 1640. Lisboa: dissertação de mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1995, p. 22 (texto policopiado).

Cf. Carta de Juan COBOS apud LOURIDO – op. cit., p. 67.

VALLADARES, Rafael – op. cit., p. 8.

Sobre este assunto vide por exemplo as já citadas obras de Rafael Valladares, Rui d'Ávila Lourido e Alexandra Curvelo bem como os estudos de REPARAZ, Gonçalo de - Os Portugueses no Vice-reinado do Perú (séculos XVI e XVII). Lisboa: Instituto de alta Cultura, 1976; VENTURA, Maria da Graça Mateus - Portugueses no Descobrimento e Conquista da Hispano-América. Viagens e expedições (1492-1557). Lisboa: Edições Colibri, 2000; VENTURA, Maria da Graça Mateus - Portugueses no Peru ao tempo da União Ibérica. Mobilidade, cumplicidade e vivências, 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

Cf. ÁLVAREZ de EULATE, Pablo, coord. Cient. - Las sociedades ibéricas y el mar a finales del siglo XVI. Madrid: Exposición Mundial de Lisboa 1998 - Pavilhão de Espanha, entrada de cat. nº 59, pp. 387-389; SILVA, Nuno Vassallo e TRNEK, Helmut, coord. - Exótica. Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, entrada de cat. nº 70, pp. 180-181; BENITO GARCÍA, Pilar – Tejidos bordados orientales en las colecciones reales españolas. In SÁNCHEZ-RAMÓN, Mar, coord. - Oriente en Palacio. Tesoros asiáticos en las colecciones reales españolas. Madrid: Patrimonio Nacional, 2003, pp. 143-148; 153-156.

[http://ec.europa.eu/culture/our-programmes-and-actions/culture-programme-\(2007-2013\)\\_en.htm](http://ec.europa.eu/culture/our-programmes-and-actions/culture-programme-(2007-2013)_en.htm) (7/11/2011)

Museum Collections on the move:

<http://www.museumcollectionsonthemove.nl/indexen.html> (7/11/2011).

'Lending to Europe – Recommendations on Collections Mobility for European Museums' - 'Prêter à l'Europe (le rapport De Leeuw) Recommandations sur la mobilité des collections pour les musées européens' Apresentado en el Consejo de Educación, Cultura y Juventud de la Unión Europea (23-24 de mayo de 2005).

[http://www.museumcollectionsonthemove.nl/references/Lending\\_to\\_Europe.pdf](http://www.museumcollectionsonthemove.nl/references/Lending_to_Europe.pdf) (7/11/2011)

[http://www.minedu.fi/OPM/Tapahtumakalenteri/2006/07/encouraging\\_mobility\\_collections.html](http://www.minedu.fi/OPM/Tapahtumakalenteri/2006/07/encouraging_mobility_collections.html) (7/11/2011)

<http://www.nba.fi/mobility/actionplan.htm> (7/11/2011)

<http://www.lending-for-europe.eu/index.php?id=167> (7/11/2011)